



MAGALHAES
500 ANOS DA CIRCUM-NAVEGAÇÃO

MAGALHÃES E ELCANO

E A EXPLORAÇÃO DAS PACÍFICAS ÀS ÍNDICAS ÁGUAS



Coordenação

Vítor Gaspar Rodrigues e Ana Paula Avelar



Academia de Marinha

Ficha técnica

Título: Magalhães e Elcano e a exploração das Pacíficas às Índicas águas

Coordenação: Vítor Gaspar Rodrigues e Ana Paula Avelar

Edição: Academia de Marinha, Lisboa

Assessor de edição: José Manuel Maia

Organização e revisão: Afonso Ferreira Cardoso, António Rocha de Freitas,
Paulo Dias, Sónia Aires Lima

Comissão Científica: Ana Paula Avelar
António Costa Canas
João Telles e Cunha
Jorge Semedo de Matos
Jose Manuel Nuñez de la Fuente
Juan Manuel Santana
Judite Mendonça do Nascimento
Vítor Gaspar Rodrigues
Juan Marchena Fernandez †

Capa: : Pormenor do Atlas Lopo Homem - Reinéis, 1519, in Bibliothèque Nationale,
Paris - Fol. 3V, dto

Data: Novembro 2022

Tiragem: 200 exemplares

Impressão e acabamento: ACD PRINT, S.A.

ISBN: 978-972-781-169-4

Depósito legal: 507378/22

PARCEIRO INSTITUCIONAL



COLABORAÇÃO DE:



ÍNDICE

| | |
|--|-----|
| Prefácio Francisco Vidal Abreu | IX |
| Introdução Ana Paula Avelar Vítor Luís Gaspar Rodrigues | xI |
| I – DOS OCEANOS, DA FAUNA E DA FLORA | |
| O descobrimento do Oriente pelos portugueses no tempo de Fernão de Magalhães José Manuel García | 17 |
| The Italian Pacific and Indian Oceans: Pigafetta and his Audience in the Construction of Oceanic Spaces David Salomoni | 39 |
| Islas del Pacífico en el viaje de Magallanes y Elcano Juan Manuel Santana Pérez | 57 |
| Aspectos antropológicos y biológicos de la Primera Vuelta al Mundo Marta Méndez López de Bustamante | 71 |
| A Expedição Magalhães-Elcano e a busca europeia das especiarias Marília dos Santos Lopes | 103 |
| II – DA NAÚTICA, CARTOGRAFIA E ARTE DE NAVEGAR | |
| Os Navios Europeus dos Séculos XV e XVI Filipe Castro | 129 |
| La Sanlúcar de Barrameda que conoció Magallanes en las páginas de Antonio Pigafetta Manuel J. Parodi Álvarez | 151 |
| Las derrotas de la expedición Magallanes-Elcano José Ramon Vallespin | 169 |
| As longitudes determinadas por André de San Martin durante a viagem e as suas consequências José Manuel Malhão Pereira | 183 |

| | |
|---|-----|
| Método das distâncias lunares comparação das propostas de Werner e Faleiro António Costa Canas Carlota Simões | 209 |
| Decisiones controvertidas (polémicas) de D. Fernando magallanes José Blanco Nuñez | 231 |
| Nuno da Silva, el piloto olvidado José María Moreno Madrid | 239 |
| La transformación de mar en océano en los primeros mapas del Pacífico (1519-1529) José María Moreno Martín | 251 |
| La Expedicion Magallanes-Elcano en la Patagonia: Sus actividades en Puerto San Julian – Provincia de Santa Cruz – Republica Argentina Roberto Fernandez Oswaldo Canosa | 267 |
| O ano de 1521 e a navegação entre Cebu (Filipinas) e Tidore (Molucas) Adelino Rodrigues da Costa | 281 |
| III – DOS AGENTES E DA SUA AÇÃO | |
| A rivalidade luso-castelhana em perspectiva. Histórias cruzadas de exploração dos mares no século XVI Amândio J.M. Barros | 311 |
| La amistad de Carlos I, rey de Castilla, con Tuan Maamud, señor de Poloan Susana García Ramírez | 329 |
| Uma consequência indirecta da circum-navegação de Magalhães-Elcano? Linschoten e os roteiros ibéricos Pacífico-Índico (1583-1596) Nuno Vila-Santa | 341 |
| Magalhães e Elcano e a Exploração das “Pacíficas às Índicas águas” João Abel da Fonseca | 367 |
| No esteio de Fernão de Magalhães: Um relato em português da viagem de Miguel López de Legazpi (1564-1565) João Teles e Cunha | 401 |

IV – DO ENCONTRO DE CULTURAS

| | |
|---|-----|
| Portugueses, Espanhóis e Molucanos: guerra e práticas militares nas ilhas Molucas (1511-c.1540) Vitor Luís Gaspar Rodrigues | 421 |
| Influências europeias e asiáticas Na artilharia portuguesa dos séculos XV e XVI Fernando Gomes Pedrosa | 435 |
| Food and Diplomacy in the Philippines During the Magellan-Elcano Expedition Felice Prudente Sta. Maria | 461 |
| History and Mythology in Homonhon, the Magellan-Elcano Expedition's First Landing Site in Asia George Emmanuel R. Borrinaga | 479 |
| As ilhas Molucas como espaço de disputa e partilha na escrita da História do séc. XVI Ana Paula Menino Avelar | 491 |
| ÍNDICE REMISSIVO | 503 |

PREFÁCIO

Quando, em 2018, o Conselho Académico da Academia de Marinha começou a preparar as comemorações dos 500 anos da epopeia magalhânica, idealizou um programa que se distribuiria por quatro anos (2019-2022), tantos foram aqueles em que decorreu a viagem.

A intenção era a de, através de quatro simpósios, dois de História Marítima e dois de História do Oriente, cobrir todos os aspetos importantes da viagem, ano após ano, acompanhando no tempo o seu desenvolvimento.

E assim se deu início a este projecto quando em 2019 o tema do XVI Simpósio de História Marítima foi “Fernão de Magalhães e o conhecimento dos Oceanos”. Mas nem sempre o planeamento se consegue cumprir. Em 2020, com o país encerrado devido à pandemia a partir de Março, mesmo as aberturas temporárias das atividades culturais não conseguiram mobilizar historiadores em número e qualidade suficiente para se organizar novo simpósio. As pessoas estavam com receio, o que era mais que natural, os possíveis participantes não portugueses não podiam viajar e tornou-se evidente haver que cancelar o Simpósio de 2020.

Assim, houve que ajustar a organização para apenas mais dois eventos. Em 2021, ano em que foi apresentado o primeiro volume dos trabalhos, agora reduzidos a trilogia, avançou-se no tempo da viagem, alargou-se o número de dias do Simpósio, tantos eram os inscritos de qualidade e o tema central do segundo encontro de História do Oriente, passou a merecer o tema “Magalhães e Elcano e a exploração das Pacíficas às Índicas águas”.

Não o devia dizer como Presidente da Academia de Marinha, mas não resisto a expressar o meu regozijo com o que se passou nesses três dias recheados de excelentes intervenções que este livro reflete, 30 soberbos textos de outros tantos oradores, para além de participações de altíssima qualidade na abertura e encerramento do Simpósio, a cargo de Filipe Vieira de Castro e Juan Marchena, respetivamente. E, pela primeira vez, houve que dedicar toda uma tarde a participações via zoom para poder acolher aqueles (8) que não se puderam deslocar a Lisboa, sendo residentes nas Filipinas, Espanha, Argentina e Uruguai.

E a cobertura de todos os aspetos relevantes da expedição foi intensamente dissecada. Dos Oceanos, da fauna e da flora; da Náutica, cartografia e arte de navegar; dos agentes e da sua ação; do encontro de culturas, estes foram sub-temas enquadradores que dão bem a dimensão do que se debateu e aqui se apresenta. Mais uma vez não é bonito aqui escrever que foi um sucesso, mas a realidade é que foi e assim o expressou a maioria dos presentes. Por isso é com orgulho que editamos o segundo volume que retrata esta longa epopeia.

Fernão de Magalhães é um herói português que durante muitos anos esteve esquecido de ser celebrado, festejado e ensinado como exemplo de comando no mar, sabedoria da arte de navegar, liderança e persistência nos objetivos que se propôs alcançar. E o seu feito abriu novos horizontes ao mundo de então. Em boa hora o relembramos.

Não posso terminar estas palavras sem agradecer à Estrutura de Missão para as Comemorações do V Centenário da Viagem de Circum-navegação bem como aos coordenadores, comissão científica e mais elementos participantes que foram peças centrais da organização do Simpósio e levaram a bom porto a edição desta obra.

Bem hajam.

Academia de Marinha, 27 de setembro de 2022

O Presidente da Academia de Marinha
Francisco Vidal Abreu
Almirante

INTRODUÇÃO

Neste livro sobre **Magalhães e Elcano e a exploração das Pacíficas às Índicas águas** complementam-se e aprofundam-se temáticas que foram de certo modo enunciadas no anterior volume publicado pela Academia de Marinha e intitulado: **Fernão de Magalhães e o conhecimento dos Oceanos**. Este é o segundo livro de uma trilogia ensaística programada em torno da Viagem de Fernão de Magalhães e Juan Sebastián de Elcano (1519-1522), cujo derradeiro título será **Magalhães e Elcano: Do Ocaso de uma expedição à Génesis de um mundo Global**.

Mas regressemos à obra que agora publicamos¹ sobre a exploração das *Pacíficas* às Índicas águas, que foi objecto de escrutínio por parte de uma Comissão Científica², em que os vários autores usaram seja a língua portuguesa, seja a inglesa ou a castelhana, respeitando-se o princípio que presidiu ao debate desenvolvido durante o Simpósio Internacional *Magalhães e Elcano e a exploração das Pacíficas às Índicas águas* realizado nos dias 23, 24 e 25 de novembro de 2021, na Academia de Marinha. Desde já importa registar que a *Náutica, Cartografia e Arte de Navegar* foram tópicos analíticos modelares da nossa reflexão em torno da viagem de Fernão de Magalhães e Juan Sebastián de Elcano, tanto na primeira obra publicada, como na presente, não deixando os mesmos de integrar um enquadramento reflexivo mais amplo. Nesta obra eles participam de uma constelação temática em torno *Dos Oceanos, da fauna e da flora; Dos agentes e da sua ação; e Do encontro de culturas*, formulando-se as permissas de um debate que era urgente retomar no seio da nossa historiografia.

Para a necessária reavaliação de um tempo, a dos alvares de um século XVI, da acção dos homens, dos seus saberes e da sua repercursão através dos séculos, importou demarcar as fronteiras conceptuais que enformaram o nosso discurso ensaístico, sendo a abordagem conceptual usada pela História Global a escolhida. O facto de esta, a par de uma precisa utensilagem conceptual, integrar o conhecimento sobre o Mundo e os Outros, ofereceu-nos os instrumentos analíticos adequados à nossa reflexão. Neste trabalho, que reflete o debate pluridisciplinar desenvolvido aquando do Simpósio, privilegiou-se o estudo sobre as conexões, que numa escala global valorizaram redes, circulações e apropriações, ampliando os conhecimentos sobre os espaços oceânicos.

A 20 de setembro de 1519 a expedição magalhânica partiu de Sanlúcar de Barrameda em direção às Molucas, seguindo a rota para ocidente, tendo a armada de cinco naus concretizado a navegação do Atlântico até à zona mais meridional do continente americano. Já reduzida a 3 navios, as naus *Victoria*, *Trinidad*, e *Concepción*, a expedição sairia, a 28 de novembro de 1520, para o Oceano então batizado “Pacífico”, iniciando-se a sua exploração, tarefa que, em grande parte, decorreria no ano seguinte. Contudo, a 27 de abril de 1521 Fernão de Magalhães perdeu a vida em Máctan e só a 8 de novembro as duas naus restantes, a *Trinidad* sob o comando de Gonzalo Gómez Espinosa e a *Victoria*,

¹ Esta obra segue as normas de edição da Academia de Marinha.

² Cf. ficha técnica da presente obra.

capitaneada por Juan Sebastián de Elcano, chegariam finalmente a Tidore, atingindo as ambicionadas “ilhas do cravo”.

Exercitando-se a “arte de navegar”, encontraram-se diferentes povos, narraram-se novas experiências e deu-se a conhecer um novo mundo de “novidades”... Abriu-se o que alguns historiadores, que se debruçam sobre as “Pacíficas águas”, consideram ser uma “civilização sem centro”. Integraram-se novas escalas globais oceânicas, irradiando múltiplos movimentos, económicos, sociais, políticos, culturais... e outros, cujas interconexões importa desocultar, tendo sido esse o propósito fundador desta obra.

Assim, ao longo de quatro capítulos analisou-se desde a dimensão biográfica à macro-história, evocando-se as figuras de Fernão de Magalhães e Juan Sebastián de Elcano, propondo-se uma abordagem plural sobre a construção do conhecimento em torno das “Pacíficas às Índicas águas”, reflectindo-se sobre uma época, a de 1519-1522 e as suas repercussões, e sobre uma História, a sempre desafiante História dos Oceanos.

No primeiro capítulo, intitulado, *Dos oceanos, da fauna e da flora*, abordam-se, para além dos múltiplos aspectos relacionados com o novo oceano e o Arquipélago e a sua percepção nesse início de Quinhentos, a forma como esse conhecimento foi intuído pelos europeus graças à posterior divulgação de relatos de viagens como o de Pigafetta. Estes contribuíram para revelar um vasto conjunto de informações de carácter antropológico e biológico das populações contactadas ao longo da expedição, bem como da fauna e flora dessas regiões. Neste particular analisam-se ainda os contributos da viagem para a observação, descrição e exploração da flora oriental, fundamental na construção de um novo saber botânico.

Já no segundo capítulo, intitulado, *Da náutica, cartografia e arte de navegar*, iniciamos o nosso texto com um ensaio sobre os navios europeus dos séculos XV e XVI, peças fundamentais para a realização da empresa, sobre os quais, como escreve o seu autor, muito pouco se sabe ainda hoje. Tal decorre da extraordinária escassez de textos sobre a construção naval ibérica no século XV e primeira metade do XVI, e devido ao facto de a iconografia ser rara e impressionista, escasseando os naufrágios conhecidos deste período, artefactos essenciais para o seu estudo.

Do mar para a terra dá-se a conhecer, de novo recorrendo ao relato de Pigafetta, um pouco da vivência da cidade de Sanlúcar de Barrameda, também ela elemento fundamental da viagem de circum-navegação, do seu ambiente e da sua relação com o rio Guadalquivir e o oceano Atlântico.

Paralelamente, detalham-se as rotas seguidas por Magalhães ao longo da sua viagem no Atlântico e no Pacífico e as opções tomadas, motivadas quer por questões de carácter técnico, quer pelas vicissitudes decorrentes dos sucessos ocorridos ao longo da expedição, em especial as que levaram os capitães das naus *Victoria* e *Trinidad* a decidirem-se por rotas completamente opostas.

No domínio da náutica e da arte de navegar estudam-se as longitudes geográficas determinadas pelo astrólogo André de San Martin, companheiro de viagem de Magalhães, procedendo-se igualmente a uma comparação do método das distâncias lunares

proposto pelo alemão Joahannes Werner, em 1514, e os sugeridos por Rui Faleiro a pedido de Magalhães.

Ainda neste segundo capítulo interpretam-se não só trechos da viagem no Atlântico, com relevo para as actividades na Patagónia, em Puerto San Julian, mas dissecam-se também algumas das mais controversas medidas adoptadas por Fernão de Magalhães durante o seu périplo. Estas estiveram na origem de vários motins e sublevações, que, de certo modo, provocaram a morte em Máctan do comandante da expedição. Relativamente à navegação no Pacífico, e subscrevendo o discurso de Pigafetta, reconstitui-se a derrota seguida entre Cebu e Tidore e os inúmeros problemas que a condicionaram, desde a falta de pilotos às dificuldades hidrográficas e meteorológicas.

Através do estudo da figura do piloto Nuno da Silva, injustamente esquecido, é feita uma chamada de atenção para o papel de relevo dos pilotos tanto na história da exploração do Estreito de Magalhães, como nas transferências de conhecimentos náuticos operados entre as diferentes nações ao longo do século XVI. Neste capítulo procura-se perceber ainda como a cartografia subsequente à viagem contribuiu para dar a conhecer um novo mundo, o mundo circum-navegado, sendo que esses documentos se revelaram de vital importância para as negociações que se seguiram entre castelhanos e portugueses pela posse das ilhas de Maluco.

Ao falar *Dos agentes e da sua acção*, e já no terceiro capítulo, importou perspetivar a rivalidade luso-castelhana, analisando toda uma série de documentação, nomeadamente alguma inédita, que tem sido compulsada nos últimos anos. Através da sinalização de alguns estudos de caso revisita-se como circularam, ao serviço das duas coroas ibéricas, os homens do mar. Concomitante estuda-se, através de uma análise comparativa da documentação conhecida sobre um acontecimento preciso e das instruções régias levadas por Magalhães, o cativo a bordo da *Victoria* de alguns dos habitantes da ilha de Palawán, esboçando-se, em pinceladas gerais, um quadro sociológico-cultural de um tempo determinado.

Por outro lado, a circum-navegação de Magalhães e Elcano (1519-22) acentuou a curiosidade europeia pelo conhecimento científico das rotas marítimas para a Ásia, tendo a França, Inglaterra e mais tarde as Províncias Unidas organizado expedições de descoberta geográfica e marítima, na senda da viagem de Magalhães. Já no final do século XVI, em 1596, o neerlandês Jan Huygen van Linschoten, publicou uma compilação de roteiros ibéricos, fundamental no início da expansão marítima neerlandesa na Ásia, e na qual incluiu diferentes roteiros do Pacífico-Índico.

Todavia, *a própria vida de Fernão de Magalhães foi alvo de vários registos biográficos que desde o século XVI até à actualidade suscitaram o interesse de diferentes públicos*. Essas biografias sobre um homem e um tempo sofreram traduções várias, tendo sido um dos objectos do nosso debate entender como uma narrativa publicada em 1864 por Diego de Barros Arana no Chile foi acolhida, no ano de 1881, na então Real Academia das Sciencias de Lisboa. Este estudo permite-nos iniciar o mapeamento da recepção de um conhecimento sobre os mares que em finais do século XIX se estava a rever.

Mas depois da incursão por vozes historiográficas, algo finisseculares, regressamos ao século XVI e à análise de um relato português da viagem de Legazpi (1564-1565). O Livro de Marinharia de um compilador anónimo, cujo trabalho se concluiu no *inicio* da década de 1570 e que se encontra em Praga, tem, entre os vários roteiros que o compõem, um dedicado à viagem de Miguel Angel de Legazpi às Filipinas. O estudo deste texto denuncia o interesse dos portugueses por tal expedição, pelo que esta significaria em termos da presença europeia na Ásia Oriental e de possíveis rivalidades imperiais entre Portugal e Espanha.

Ao longo do quarto e último capítulo da nossa obra, intitulado *Do encontro de culturas*, explora-se o evoluir da situação político-militar nas Molucas após a chegada ao arquipélago da armada magalhânica, marcada não só pela conflitualidade crescente entre portugueses, espanhóis e moluquenses, mas também pela transferência de saberes aos mais diversos níveis, bem patentes, por exemplo, no domínio da artilharia.

Porque a história comum de europeus e asiáticos não se fez apenas de confrontos descrevem-se também os contactos diplomáticos e as estratégias encetadas pela tripulação da armada junto das populações filipinas, fundamentais para o apresto e provisionamento dos navios com vitualhas depois de uma jornada extraordinariamente desgastante. Aqui se abordam igualmente as alianças políticas encetadas com as autoridades de Cebu – o Raja Humabon – e se avançam as razões que estiveram na base da morte do capitão-mor.

Por outro lado, procura-se compreender, com base nas informações cronísticas e em dados etnográficos resultantes dos contactos entre as sucessivas expedições espanholas e as populações locais, como aquelas foram percebidas pelos ilhéus e destaca-se, sobretudo, como o desembarque na ilha sagrada de Homonhon, cinco séculos antes, marcou um momento de viragem no encontro de dois sistemas de crenças e modos de vida dessas populações.

Por último, questiona-se, com recurso à cronística quinhentista ibérica, em especial o *Tratado dos Descobrimentos* de Duarte Galvão, sobre a forma como se interiorizou o conhecimento da expedição relativamente ao comércio do cravo e aos conflitos que se seguiram entre os dois povos peninsulares pelo controlo político-militar do arquipélago. Deste modo se avançam as interrogações sobre a forma como a viagem funcionou como elemento potenciador das interconexões oceânicas.

Este volume interpela o leitor à reflexão em torno da construção de um mundo global.

Lisboa, 4 de Outubro de 2022

Ana Paula Avelar
Vitor Luís Gaspar Rodrigues